



e-ISSN 2446-8118

Editorial

DO NOSSO LUGAR DE FALA

89

Rosa Maria Rodrigues¹
Sabrina Grassioli²

Em uma das conversas (online) entre os professores do Programa de Pós-graduação em Biociências e Saúde se discutia qual deveria ser o tema do editorial do segundo número da Revista Varia Scientia-Ciências da Saúde, deste ano inusitado, desse momento danoso do ponto de vista da saúde física, mental e social. Então houve uma sugestão para que apenas a palavra silêncio compusesse o editorial. O silêncio diante de tantas vidas perdidas, o silêncio frente a forma irracional, desumana e egoísta com que nós brasileiros fomos tratados diante de uma das piores pandemias da história do país. Essa constatação serve de start para dizer que não é hora de ficar em silêncio; é hora de falar; se o silêncio nos atormentou todo o ano, é hora de usar o espaço de fala que cabe aos ambientes universitários. Neste contexto, a primeira fala, resgata o valor da ciência e dos conhecimentos produzidos ao longo do século XX e que se ampliaram ao ponto de estar instalada a contradição entre a crença na necessidade da ciência e a sua negação.

É a negação da ciência que tem marcado as práticas de enfrentamento da Pandemia da Covid-19 no Brasil e colocado em choque pessoas e instituições; os descrentes da ciência arrebanhados pela figura presidencial não adjetivável. Enfim, do nosso lugar de fala nos propomos a lembrar que, em 1903 a expectativa de vida, no Brasil era de 33 anos, logo, se o atual presidente da república vivesse neste tempo poderia estar morto tão logo fosse reformado pelo exército. Neste período, grassavam as epidemias de cólera, tuberculose, peste bubônica, varíola, febre tifoide, febre amarela, malária que qualificavam o Brasil como um imenso hospital.¹ Nos anos de 1940, a expectativa de vida era de 45,5 anos e hoje se encontra em 76,3 anos, para os nascidos em 2018.²

Por óbvio essa mudança não é resultado exclusivo do avanço da ciência, mas no que se pode atribuir às infectocontagiosas, a ciência teve participação decisiva, ao par das mudanças ambientais e produtivas que também não se fizeram sem avanços científicos. Ocorre que no tempo presente se assiste à demonização da ciência, justo quando o desenvolvimento científico e tecnológico adentrou todas as existências.

Como bem lembra Yuval Harari³, na Idade Média, milhões morreram e ninguém soube a causa da peste que dizimou as populações; em 2020, em 15 dias já se tinha o sequenciamento genético do Coronavírus e as hipóteses para produção dos imunizantes, que ficaram prontos antes de um ano. Em 07 de janeiro de 2021, quando atingimos a triste marca de 200 mil brasileiros mortos, noticia-se a eficácia de 78% da vacina produzida no Brasil, em parceria com empresa chinesa pelo Instituto Butantan. Da mesma forma, a Fiocruz se enlaça com laboratórios europeus para produzir imunizantes e disponibilizá-los ao Sistema Único de Saúde (SUS).

No dia 06 de janeiro em bancada de jornal brasileiro, o médico Gonçalo Vecina⁴ afirmava que se não fossem as instituições científicas Fiocruz e Instituto Butantan, certamente não teríamos vacina

¹ Enfermeira. Doutora em Educação. Professora no Programa de Pós-graduação em Biociências e Saúde da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Campus Cascavel/PR. Editora da Revista Varia Scientia-Ciências da Saúde.

² Professora Adjunta em Fisiologia na UNIOESTE. Professora-Orientadora nos Programas de Pós-Graduação em Biociências e Saúde (UNIOESTE) e Ciências Aplicada a Saúde (UNIOESTE).

como resultado da gestão negacionista do governo federal. Por isso, a hora não é de silêncio; é preciso falar. E qual é o nosso lugar de fala? Nós professores universitários, uns mais cientistas, outros mais dedicados ao ensino inicial temos a responsabilidade de desenvolver nosso trabalho cada vez mais competente e fundamentado na ciência. As frestas das janelas deixam entrar todo tipo de desinformação e a desinformação virou a arma dos que estão no governo. Daí que é preciso falar; gerar dúvida; questionar com bases científicas (de todas as ciências); o lugar de fala da universidade e de seus membros é o lugar de fala dos conhecimentos; eles são armas diante das inverdades – são as nossas armas. A sala de aula é o nosso campo de batalha, mesmo que neste momento ele não seja presencial.

Em que pese a constatação de Schwartzman⁵, de que a história da ciência brasileira é a de Sísifo que, condenado pelos deuses, passaria seu tempo rolando morro acima uma pedra que retornaria ao ponto de origem e ele recomeçaria a rolá-la, há construções importantes feitas pela ciência brasileira, sobretudo aquela que ocorre nas Universidades públicas do país. Como exemplo, realizamos o sequenciamento do genoma do Coronavírus determinado por uma equipe de cientistas, de maioria feminina, coordenada pela professora Ester Sabino, do Instituto de Medicina Tropical da Universidade de São Paulo (USP)⁶ (fato ainda mais ilustrativo das quebras de tabus neste campo) ou o mapeamento do genoma da *Xylella fastidiosa* (bactéria que ataca laranjais), que projetou o Brasil mundialmente nos estudos sobre o Genoma.⁷ Atualmente a Universidade de São Paulo alberga o Centro de Pesquisas sobre o Genoma Humano e Células-Tronco (CEGH-CEL), ligado ao Instituto de Biociências (IB) da USP, desenvolvendo estudos sobre doenças genéticas e com células tronco, contribuindo para uma força tarefa mundial que pretende mapear todos os genes humanos.⁸

Yuval Harari³ projeta que perderão menos as nações que conseguirem cooperar durante este tempo de perdas. O caminho é a cooperação e a ciência só se faz com cooperação, pois seu critério de verdade pragmática⁹ exige a intersubjetividade, o trabalho em grupo e a avaliação pelos pares. Por isso, o trabalho coletivo nas salas de aula, a inculcação do valor da ciência e do poder da cooperação pode nos livrar da barbárie que se projeta no horizonte, caso a lógica negacionista permaneça.

Portanto, o mesmo silêncio de respeito, de indignação e de resignação, nos permite avaliar com mais clareza, a necessidade da defesa irrestrita do ensino superior público, da educação libertadora e de qualidade, na busca incansável de uma sociedade mais humana e do entendimento que a nossa fala no espaço universitário é caminho de enfrentamento ao obscurantismo e ao charlatanismo. Que venham os desafios de 2021, estaremos prontos...

Referências

1. Schwarcz LM, Starling HM. A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras; 2020.
2. Ibge. [página na internet]. Expectativa de vida dos brasileiros aumenta para 76,3 anos em 2018. Brasília; 2019 [atualizado 2019 Nov 28; acesso em 2021 Jan 07]. Disponível em: <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/26103-expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumenta-para-76-3-anos-em-2018.html>
3. Harari YN. Notas sobre a pandemia e breves lições para o mundo pós Coronavírus. São Paulo: Companhia das Letras; 2020.
4. Vecina G. Jornal da cultura. Edição do dia 06 de janeiro de 2021. [online]. [acesso em 2021 Jan 07]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yzqMngwYmBo>
5. Schwartzman S. Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp; 2015.

6. Brito S. [página da internet]. Por que o Brasil foi o primeiro a sequenciar o genoma do coronavírus? Revista Veja. Ciência. Grupo Abril; 2020 [atualizado 2020 Mar 06; acesso em 2021 Jan 8]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/por-que-o-brasil-foi-o-primeiro-a-sequenciar-o-genoma-do-coronavirus/>

7. Motoyama S. (Org.) Prelúdio para uma história: ciência e tecnologia no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 2004.

8. Pacheco D. Grupo da USP transforma segredos dos genes humanos em tratamentos para todos. Jornal da USP. Nov 09 2019 [online]. [acesso em 2021 Jan 07]. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/grupo-da-usp-transforma-segredos-dos-genes-humanos-em-tratamentos-para-todos/>

9. Köche JC. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 34ª ed. Petrópolis: Vozes; 2015.